



Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.

Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen – auch von Teilen – bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

MARIA PIRES DOS SANTOS

LIBERDADE

AMOR

RESPONSABILIDADE

A PROPÓSITO
DE ERICH FROMM

IMPrensa OFICIAL
BELO HORIZONTE
1972

BF



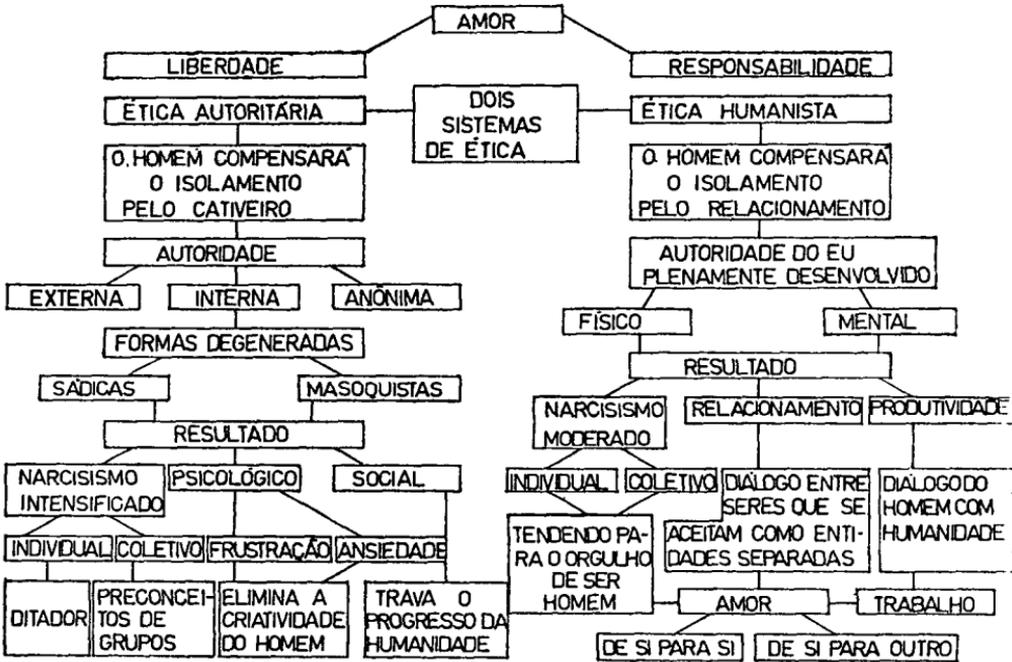
Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.

Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen - auch von Teilen - bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

575

L8

S35





Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.

Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen – auch von Teilen – bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.

Por este livro, a autora recebeu Apostila em nível de Pós-Graduação de Especialização em Filosofia da Educação, aprovada com louvor pela Comissão Julgadora da Universidade Católica de Minas Gerais.



A meus filhos

Oldemar

Eustáquio

Estevam

Maria Beatriz

Maria Virginia

Mônica

Stella-Maris

Myriam

José Luís



ROTEIRO

I — O PROBLEMA

— ÉTICA AUTORITARIA

1. *Autoridades*

- a) **Autoridade Externa**
- b) **Autoridade Interna**
- c) **Autoridade Anônima**

2. *Liberdade*

- a) **Liberdade e Responsabilidade**
- b) **Liberdade e Isolamento**

3. *Relacionamento no Autoritarismo*

4. *Mecanismo de Fuga*

- a) Sadismo
- b) Masoquismo

III — ÉTICA HUMANISTA

1. *Amor*

- a) Amor e Espontaneidade
- b) Amor e Atividade
- c) Amor e Responsabilidade

2. *Produtividade e Responsabilidade*

3. *Amor à Vida*

- a) Biofilia
- b) Necrofilia

4. *Narcisismo Individual e Social*

5. *Tipos de Amor*

- a) Amor Materno
- b) Amor Fraternal
- c) Amor Erótico

6. *Relacionamento*

- a) Mãe e Filho
- b) Pai e Filho

7. *Amor de Deus*

IV — COMENTARIO SOBRE ERICH FROMM



I — O PROBLEMA

Para Erich Fromm, a Liberdade é consequência da natureza racional do homem. Quanto mais livre for o indivíduo, mais ele se definirá em sua tessitura humana.

Esta liberdade, entretanto, trará consigo o isolamento do ser, que pensa e decide, a angústia nas escolhas múltiplas e a responsabilidade dos atos praticados, com suas conseqüências. Se a Liberdade é fator de realização do homem em sua natureza, por outro lado, ela o tornará, como único ser responsável por seus atos, um ente isolado em seu meio. Mas o homem sempre tende para o relacionamento e, quando está só, sente medo e insegurança.

O pensamento fromminiano procura uma solução em que o homem vença o terror do isolamento, satisfaça sua necessidade de Amor, mas em que sua integridade não seja eliminada.

Fromm reconhece a importância da Liberdade como afirmação de individualidade, e a força poderosa do Amor como única possibilidade de se vencer a insuportável solidão do homem. O Amor será encarado, em toda a obra de Erich Fromm, como o filho da Liberdade.

A linha-mestra do seu pensamento parece ligar a Liberdade à Responsabilidade como consequência, no sentido de realização do Eu para o Outro. A Amor, em si, zelaria pela integridade do EU; o Amor, para si, voltaria para o Outro no sentido de não esmagá-lo nem dominá-lo, mas engrandecer-lhe a personalidade.

Fromm faz a tentativa de ajustar a Psicologia com a Filosofia e a Ética. Procura estudar o homem em sua totalidade, desde o “Homo Psychologicus” de Freud até o “Homo Economicus” da Economia Clássica. Assim, ele deseja compreender a natureza dos conflitos morais e dos valores para melhor formular uma teoria do homem com seus distúrbios mentais.

O filósofo da Ética, como é chamado, dá aos dois sistemas de conduta, por ele formulados, o nome de Ética Autoritária e Ética Humanista.

II — ÉTICA AUTORITÁRIA

AUTORIDADE EXTERNA — INTERNA — ANÔNIMA

A autoridade pode ser compreendida como uma resposta à ansiedade de tomar decisões e ao medo do isolamento. No primeiro caso, o homem livra-se de “pensar”, de decidir. A responsabilidade não lhe cai duramente sobre as costas. Não se sente só. Um monograma, um distintivo de um Partido, dá-lhe a certeza do “nós”, de relacionamento assegurado e contínuo. Em seu isolamento, o homem procura se aliar a grupos ou indivíduos fortes, que digam à maneira de um Pai ou de um Deus: “Faça isto ou faça aquilo”. Esta é a *autoridade externa*, que conduz o indivíduo. Diversas vezes, no curso da história, o homem tentou e conseguiu derrubar esta autoridade. Foram as grandes vitórias das revoluções,

onde caíram reis e líderes e em que a humanidade respirou aliviada com a perspectiva de um homem mais livre. Era a substituição da autoridade externa pela *interiorizada*, sob o nome de consciência. (1)

Equivale ao superego de Freud ou à lei natural. Mas a experiência demonstrou que o jugo da consciência é pesado e não há possibilidade de se revoltar contra uma autoridade que o homem supõe emanar de si próprio. Em nossos dias, uma nova autoridade desempenha papel importantíssimo: é a *autoridade anônima*. Os padrões de comportamento se disfarçam em senso comum, saúde mental, normalidade, bom-senso, opinião pública. Não empregam pressão. Apenas uma persuasão. “Hilton 100mm — mais que um cigarro, um estilo de vida”. Junto ao cigarro, a visão de dois jovens namorados, em roupas de luxo, gesto mútuo de carinho e o detalhe de um carro último tipo. Aproveitando analogias, a propaganda oferece um tipo de vida com segurança,

(1) *Análise do Homem* — Fromm, Erich — 6.ª edição. Tradução de Octávio Alves Velho — Ed. Zahar — Rio.

riqueza, liberdade e amor. A autoridade anônima aproveita-se dos mais belos anseios do homem para motivá-lo no mercado. A imagem distorcida e adaptada a interesses é oferecida ao público e é natural que seja causa de frustração e infelicidade.

Fromm analisa a civilização ocidental e mostra que o homem, sob a nossa cultura, que o esmaga, se torna um escravo. Preso à propaganda, o homem pensa que age livremente, quando apenas repete “script” que lhe foi incutido no espírito em qualquer lugar.

Em seus livros — *O Coração do Homem*, *O Medo à Liberdade*, *Análise do Homem*, *A Sobrevivência da Humanidade* — Fromm quer mostrar que nossa cultura corrompe os mais belos anseios de Liberdade, Amor e Produtividade, e em seu lugar coloca os resultados do autoritarismo: Tirania, Escravidão, Necrofilia.

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA ÉTICA AUTORITARIA

(1) Fromm vê, no episódio do Éden, um exemplo perfeito de atuação da Autoridade Ex-

(1) *O Medo à Liberdade* — Fromm, Erich — 7.ª Edição. — Tradução de Octávio Alves Velho — Ed. Zahar — Rio.



terna. As duas personagens, protagonistas da história, são encontradas com seu equipamento instintivo, vivendo com a natureza e dela fazendo parte. Houve um instante em que um problema novo foi apresentado, com as alternativas: comer ou não do fruto proibido. Existiu a liberdade de escolha e a responsabilidade com suas consequências fatais. Para a Autoridade Externa, pouco importava que o fruto do conhecimento pudesse promover o homem para o domínio da Ciência do Bem e do Mal. Assim como pouco importou, na lenda clássica, que o fogo roubado por Prometeu fosse beneficiar o homem. (2) A ofensa era grave pois contrariava o preceito de obediência, mandamento máximo da Autoridade. Mas, no próprio mito bíblico, a desobediência foi a tomada de consciência do homem para sua capacidade de escolher e, portanto, o seu primeiro passo para a Liberdade. Foi sua afirmação. Daí é que começou a escrever sua história e a deliberar seu destino. Na continuação do mesmo episódio, lemos

(2) O Dogma de Cristo — Fromm, Erich — 3.ª Edição. — Trad. de Waltensir Dutra — Ed. Zahar — Rio.

o tormento sofrido por Adão e Eva após terem comido do fruto proibido. Viram-se nus e ficaram envergonhados. Não seria possível acreditar que sua confusão se devesse à exposição de seus órgãos genitais.

É que o homem se libertou da natureza. Com a liberdade, veio a responsabilidade de pensar e agir. Com o pensamento, veio o isolamento. Homem e mulher tiveram consciência de que eles eram diferentes e isolados. Mesmo na companhia um do outro. Eram pigmeus para pensar e amar. Adão acusa a Eva, quando devia defendê-la. A falta de amor aumentava o tamanho do castigo. Arduas seriam as tarefas para o homem, e a vida da mulher era uma profecia de dores. Era a “consciência da separação humana sem a reunião pelo amor, e foi a fonte da vergonha”. (3) Um anjo guardaria a porta da natureza para que eles jamais voltassem.

LIBERDADE E ISOLAMENTO

Temos consciência de...
Muitas e muitas vezes, no curso da história, o homem se libertou dos vínculos que o prendiam.

(3) A Arte de Amar — Fromm, Erich — 1.ª Edição. — Trad. de Milton Amado — Ed. Itatiaia — BH.

Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of material prohibited without express written permission of the copyright holder.
Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke. Veröffentlichungen - auch von Teilen - bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.



Mas, no sofrimento de sua solidão, procurou vínculos secundários para substituir os vínculos primeiros. E, quando aceitava outra forma de autoritarismo, estava apenas procurando fugir do isolamento. E cair em nova escravidão.

(1) O autoritarismo pode ser compreendido como uma forma de fuga, fuga de si mesmo. O homem tem conseguido a *liberdade de*, sem entretanto adquirir a *liberdade* para se aproveitar disso. Aproveitar para sua própria felicidade e realização. Sua liberdade muitas vezes o conduz à escravidão de drogas, de ídolos, e ele se debate como um “gigante cego”, que se aperfeiçoa, se organiza, mas não sabe dar uma razão de ser de sua existência. E depois se inquieta e enfurece como se desejasse destruir tudo e a si próprio. Fromm acredita que esta capacidade destrutiva do homem é fruto de seu isolamento e, portanto, da carência de relacionamento e de amor. Não acredita que o homem mate por puro amor à morte mas pelo indiferentismo pela vida. Erich Fromm mostra, em seus livros, o quanto a vida moderna

(1) e (2) — O Medo à Liberdade — Fromm, Erich — Edição citada.

tem colocado temor, angústia e incerteza no coração dos homens. Enfatiza como nossa cultura tem exigido uma série de adaptações da integridade da pessoa, e tem tido como resultado indivíduos inseguros até de sua auto-estima e com sentimento de vergonha e de culpa.

Realmente, já se tornou tão natural que se façam estas adaptações, que grande parte dos psiquiatras aceitam os indivíduos insubmissos como desajustados e, portanto, pessoas menos úteis. E são tidas como de real valor as pessoas que se adaptam bem, sem ruído e sem atrito. (2) Não se leva em conta que este ajustamento foi conseguido a preço de se perder toda espontânea e natural individualidade; e que aqueles desajustados, portadores de sintomas neuróticos, tentam apenas conservar o seu EU natural, para não se dissolver no social. Dentro desse raciocínio, eles são “menos aleijados” do que aqueles que perderam toda sua individualidade.

É a tragédia do homem que reagiu contra a autoridade do comportamento social e se sentiu ainda mais isolado. Caso não se revoltasse contra

os tabus impostos pela cultura, o indivíduo gozaria do aconchego da sociedade, mas o seu *ser*, aos poucos, se dissolveria no ser social.

O RELACIONAMENTO NO AUTORITARISMO

MECANISMO DE FUGA

SADISMO E MASOQUISMO

Estudando Fromm, temos a impressão de que o homem sempre procura o cativo do autoritarismo, seja ele externo, interno ou anônimo, para fugir do peso da responsabilidade e do tormento de pensar e decidir. (1) Mas o próprio Erich Fromm não aceita passivamente a conclusão de que um círculo intransponível leve o homem da liberdade a uma nova dependência. Neste caso — independência e liberdade — teriam o significado de isolamento e, como consequência natural, o medo.

O ideal seria um estado de liberdade positiva, em que o indivíduo conservasse o seu Ego independente e pudesse experimentar a união do

(1) O Medo à Liberdade — Fromm, Erich — Edição citada.

amor com os outros e com a natureza. Isto seria impossível dentro da estrutura da Ética Autoritária. Nela, só encontraríamos as formas imaturas e degeneradas do amor. Fromm chama a atenção para a “união simbiótica”, cujo exemplo clássico é a união do feto com a mãe grávida. Dentro do útero, o feto está em absoluto narcisismo, na mais estreita dependência. Depois do nascimento, espera-se que a criança adquira aos poucos sua segurança e unicidade com o mundo exterior. Mas pode acontecer que mesmo o adulto não se tenha desenvolvido de forma satisfatória e que o clima de angústia e impotência em que viva o faça desejar a volta ao ventre materno.

O fato de ter vivido o drama da Alemanha, durante o domínio de Hitler, talvez tenha contribuído para que o pensamento de Fromm sondasse o comportamento sádico dominante e infeliz do ditador. A figura de Hitler é estudada minuciosamente por Fromm, que apresenta os elementos do que ele chama de “síndrome de deteriorização”. A falta de relacionamento é apresentada pela postura, por um eterno ar de nojo e de distância no rosto do Führer. As características



necrófilas são acentuadas pelo amor à Morte; o Narcisismo pela constante preocupação consigo mesmo. A fixação incestuosa funciona como fuga, como patente falta de relacionamento, de segurança, em um homem maduro fisiologicamente; e seu isolamento patético e o vazio de sua vida, como prova de frustração em quem teve tanto poder e espalhou tanta morte.

O medo do isolamento pode enlouquecer. Há indivíduos que freneticamente se descartam da carga absurda que levam: o seu EU. Têm medo de ficar a sós e pensar. As ideologias, um chefe, uma instituição resolvem o problema de decidir, de responsabilizar-se por atos praticados. E o indivíduo pode usar um mecanismo de fuga para se livrar de si próprio.

MECANISMO DE FUGA SADISMO E MASOQUISMO

(1) Duas soluções erradas têm sido dadas pelo homem ao problema do Isolamento e à necessidade do relacionamento pelo Amor. O Sa-

(1) Análise do Homem — Fromm, Erich — Edição citada.

dismo e o Masoquismo. Na tirania sádica, o indivíduo pode ser medido em sua auto-adoração e pela crueldade com que trata o escravo; na adoração masoquista, o homem se anula perante o ser amado. Em ambos os casos, o relacionamento é nocivo. O Sádico é um insano no mais alto grau de narcisismo.

Suas tendências procuram a oportunidade de proporcionar sofrimento físico e mental aos outros. Seu relacionamento não é de amor, mas de domínio. Aí é que está o gozo, pois a submissão e sofrimento alheio dão-lhe a afirmação de que precisam. Corremos o risco de pensar serem os sádicos pessoas fortes e, entretanto, sua força é proporcional ao terror que inspiram em suas vítimas. O tirano é apenas um homem normal, ordinário, com poderes extraordinários. Os mortos que lhe amontoam aos pés servem para projetar a imagem de um homem com poderes de Deus.

(2) Este poder exagerado impede a aproximação e, portanto, inibe qualquer expressão de amor. O tirano sente o vazio e o isolamento e isto dá medo.

(2) O Medo à Liberdade — Fromm, Erich — Edição citada.

Perde, em sua loucura cesárea, o natural relacionamento com os homens e se transforma em um insano. São homens limitados apenas pelo terror que inspiram, pela doença e pela morte. Mas são absolutamente carentes do amor e do relacionamento. A tragédia das últimas horas de Hitler dá a medida do seu isolamento. À semelhança do herói grego — Narciso — Hitler se destrói com tudo aquilo que devia ter amado: a pátria, a amante, os amigos. (3) Na submissão masoquista, o indivíduo renuncia a sua integridade e torna-se um instrumento de um poder externo. Perde o amor e o respeito a si próprio. Quer apenas se anular, mostrar-se fraco, inútil. Diminuir-se sempre, sempre, para não ter de tomar decisões.

Vê-se que, quando o Amor acaba, não existe Liberdade. Estes indivíduos são capazes de atitudes ofensivas a si, às pessoas que deviam amar e se comportam como se fossem os mais perversos dos inimigos. Essas deficiências impedem o masoquista de dizer: eu quero, eu posso. Não supor-

(3) A Arte de Amar — Fromm, Erich — Edição citada.

ta aceitar a responsabilidade de seus atos. Por sentir a pressão da consciência autoritária, o indivíduo será lesado, quer no ponto-de-vista psicológico, quer no social. No primeiro caso, sua criatividade será inibida e ele será um eterno frustrado. No ponto-de-vista social, o progresso da sociedade será impedido por se sentir tolhido em sua liberdade e, portanto, em sua possibilidade de promoção. Pelo seu caráter protecionista, a Ética Autoritária rouba do homem a possibilidade de ser responsável pelos seus atos.

Foi no conhecimento destas formas de amor, que Freud abriu caminho para a compreensão da psicose. Acompanhando-lhe os passos, Fromm mostra a impossibilidade de que o homem se realize dentro da Ética Autoritária, que o conduziria fatalmente à escravidão, ao aviltamento ou à tirania e à capacidade destrutiva de si mesmo e do outro.



III ÉTICA HUMANISTA

A Ética Humanista está presente em todas as obras de Erich Fromm. É uma constante, uma linha mestra para suas idéias. Acusam-na de ser uma moral egoísta. (1) Talvez seja. O Bem-Estar do homem é o seu único critério. Fromm procura mostrar, dentro da Ética Humanista, a presença do Amor. Amor como Espontaneidade, como Libertação, como Responsabilidade, como Atividade e como Produtividade. Fromm se empenha na análise do homem e elabora este sistema de conduta cheio de esperança de realização do homem em si, e da projeção benéfica desta realização em todo seu ambiente. (2)

A consciência humanista não é uma autoridade que desejamos agradar ou que tenhamos

(1) O Homem é a Medida de Todas as Coisas — Protágoras.

(2) Análise do Homem — Fromm, Erich — Edição citada.

receio de ofender. Apesar da consciência ser
 (“con-scientia”) o conhecimento íntimo da pessoa
 não age como sede de ciência de sua mente. Tem
 acima de tudo, uma tonalidade afetiva, amorosa
 que emana de toda a personalidade. Para Fromm,
 é a reação que temos em frente a nós mesmos, de
 acordo com o desenvolvimento de nossas poten-
 cialidades.

Seria como o cuidado e desvelo para com o
 nosso ser.

O problema deste processo é “ouvir” a cons-
 ciência na oportunidade de ficarmos a sós com
 nossos pensamentos. O autor mostra que há um
 desencontro do homem moderno consigo e um
 constrangimento de se ficar sozinho. A mais tol-
 erante atividade é preferível a esta sondagem. Sentir
 medo. Perde-se assim a oportunidade de escutar
 e avaliar progressos. Em “A Linguagem Esqueci-
 da”, Fromm mostra, no simbolismo do sonho, as
 “entradas” que a consciência tem tido para expli-
 car aquilo que não foi entendido durante a vigi-
 lia. O próprio sonho premonitório nada mais
 do que o resultado de dados que temos, sem dis-

percebermos. De acordo com Fromm, existe algo
 no interior do homem que o chama para esta
 sondagem, visando a uma interpretação correta
 dos fatos. São as raízes mais profundas da indi-
 vidualidade, tentando o diálogo com o homem.

AMOR E ESPONTANEIDADE

A *espontaneidade* do comportamento huma-
 no é perfeitamente visível na criança. É nisto que
 reside seu encanto. A sociedade ainda não fun-
 cionou em sua missão niveladora, de opressiva,
 causadora de atitudes artificiais, e a criança pode
 revelar em atitudes francas e leais a si mesma.
 A Ética Humanista visa ao respeito a essa espon-
 tânea atividade como único fator de auto-reali-
 zação.

AMOR E ATIVIDADE

A vida começa na concepção e termina com
 a morte. Tudo o que acontece neste intervalo só
 tem expressão na maturidade de nossa potencia-
 lidade física e mental. O crescimento físico se pro-

Propriety of the Erich Fromm Document Center. For personal use only. Citation or publication of
 material prohibited without express written permission of the copyright holder.
 Eigentum des Erich Fromm Dokumentationszentrums. Nutzung nur für persönliche Zwecke.
 Veröffentlichungen - auch von Teilen - bedürfen der schriftlichen Erlaubnis des Rechteinhabers.



cessa quase por si mesmo, desde que satisfeitas as condições necessárias. No plano mental, não acontece a mesma coisa. Este depende da atividade produtiva que traduza as qualidades emocionais e intelectuais do homem. Ele tem que dar provas de que seu Eu está vivo. Esta é a grande tragédia da contingência humana: que apenas uma de suas potencialidades possa realizar-se no decorrer de sua maturação. E o homem morre sem ter nascido completamente. (1)

AMOR E LIBERDADE

A originalidade da Ética humanista reside exatamente no que ela tem de autêntico desabrimos de existência humana. Não há saudosismo e preocupações pueris com o passado. É o futuro que importa, como realização de potencialidades. O futuro do homem depende de sua coragem de ser ele mesmo. É acima de tudo, uma Libertação. Ele é também criador. É uma moral egoísta. Mas Fromm responde que se o homem procura amizade é porque a solidariedade humana o faz feliz.

(1) Análise do Homem — Fromm, Erich — Edição citada.

“Amar o próximo é algo inerente a ele e que dele se irradia.” A Ética Humanista é, portanto, **a arte de viver socialmente.**

O Amor, na Ética Humanista, é fator base para a formação da individualidade e para sua libertação. Mas o Amor deve se realizar como espontânea e positiva atividade na personalidade, sem o perigo de deformá-la. Daí, ele parte para o relacionamento responsável. Ele se dá espontaneamente, dentro dos limites da dignidade humana, e recebe, com respeito, a doação do outro. Nunca o aviltamento do ser que perde sua liberdade. É o puro Amor-Responsabilidade, nunca se corrompendo em dominação e em espírito de propriedade. É o respeito (“respicere” — olhar para) característico do Amor. Significa olhar para o outro no sentido de ajudá-lo a se promover. Mas que o faça por si próprio e nunca no sentido de servir ou de se beneficiar devendo gratidão. É claro que para amar assim é preciso que se tenha dentro de si o espírito da Liberdade. Não se pode dar o que não se tem. Se o indivíduo ainda não compreende o Amor, como filho da Liberdade, ele não pode acei-



tar os que ama como seres livres e independentes. Esta concepção de amor é válida em qualquer tipo de relacionamento.

AMOR — PRODUTIVIDADE — RESPONSABILIDADE

(1) No torvelinho da vida moderna, o homem está andando só. As empresas perceberam o fato e diversos Cursos de “Relações Humanas” têm sido obrigatoriamente feitos por gerentes de fábricas e casas comerciais com a finalidade de melhorar o relacionamento entre seus subordinados. É que o clima cordial é favorável ao bom rendimento enquanto a discórdia e o mal-estar fazem cair a produção. Este “óleo” derramado em doses certas no coração do homem, longe de ser gratificante, o iguala às máquinas com que lida: esta cordialidade o coisifica, usa-o e não o promove. Dá-lhe a sensação de ser usado como peça útil de uma de suas máquinas. Só é amado, aceito, na medida que produz e quando produz. Atormen-ta-o a falta de sentido da vida. O trabalho só tem

(1) Análise do Homem — Fromm, Erich — Edição citada.

razão de ser quando representa algo mais do que agitação febril das máquinas em busca de números. Só se compreende o trabalho como a representação da atividade humana em sua plena atividade criadora. Fora disto, é frustração. (2) O fazer para quem trabalha é sagrado. Não no sentido de ociosidade, mas como meio pelo qual o homem pode revelar sua capacidade criadora com um objetivo em si, e não como meio de aumentar a produção de uma firma. É este o pensamento de Marx sobre as horas livres.

O comunismo tem interpretado estas horas livres como fator de aumento de produtividade de trabalho. Realmente, a característica principal do amor é ser atividade produtiva. Mas não no sentido de máquina, de aumento de produção, no sentido de “ter mais”. O Amor é essencialmente Produtivo-Responsável, pelo sentido promocional que ele traz em si e que leva o outro a se promover também. Há profundidade no amor pelo objeto. Ama-se aquilo que se produziu com res-

(2) Em “Análise do Homem” — Fromm cita a Profecia de Jonas, n.º 4.



ponsabilidade. A responsabilidade é ligada à idéia de amor, de forma que toda a natureza pode ser objeto de zelo e preocupações por parte do homem. Tudo que se acha sob os nossos cuidados merece a idéia de promoção, de amor e cuidado. Ser responsável é ter de “responder” e estar pronto para isto. A pessoa que ama responde por ser responsável. Quando se fala nesta responsabilidade, no caso de mãe e filho, refere-se principalmente ao zelo pelas necessidades físicas. No amor entre adultos, refere-se principalmente às necessidades psíquicas da outra pessoa.

O AMOR À VIDA NA ÉTICA HUMANISTA

Aquilo que merece o nome de Amor é desejo de Vida, ao dinâmico, ao que tem a própria desordem da natureza, que está sempre evoluindo. Ultrapassa o sentido de ter coisas, para *ser*. Promove-se e automaticamente proporciona ambiente de promoção ao outro. É o que Erich Fromm chama de Biofilia. (1)

(1) O Coração do Homem — Fromm, Erich — 3.ª Edição. — Tradução de Octávio Alves Velho.. — Editora Zahar — Rio.

Na Necrofilia, o amor é dado às coisas, no sentido de domínio, muito próximo do ponto-de-vista do sádico. O seu amor é estático e é dedicado a tudo que represente matéria. É um amor metódico, organizado, que nada deseja perder para seu maior enriquecimento. Não promove o que ama; ao contrário, tira o que pode do objeto amado, sugando-o, sujeitando-o ao seu domínio. É o amor à Morte.

O amor à Vida é otimista, pois a Vida é a fonte única de toda esperança. É interessante, pois sonda os vários aspectos do mundo e sempre tira lições novas. É justo, no sentido de ninguém servir de meio para os objetivos de outrem.

É básico, pois oferece segurança espiritual e material e não proporciona medo do amanhã. É livre, no sentido de que cada homem possa ter possibilidade de ser um membro ativo da sociedade. É fecundo: amando-se, o homem se eleva a excelente; trabalha bem e com grandeza. (1) Esta elevação transborda para o outro e ajuda-o em seu caminho de perfeição.

(1) Aristóteles — Ética a Nicómaco — citado por Fromm em “Análise do Homem”.



A Ética Humanista de Erich Fromm oferece este ideal de amor puro e desinteressado entre homens. Um ideal de pura fraternidade sem menor sombra de interesses secundários e aviltantes. É um amor que engrandece aquele que o recebe e possibilita a promoção de quem o recebe.

Examinando o homem no curso da história, Fromm parece projetar esta imagem do Amor como a medida de perfeição que o homem pode alcançar.

NARCISISMO INDIVIDUAL E SOCIAL

Na sua maturação e graças a muitos revezes é que a criança descobrirá no mundo externo suas leis. Por absoluta necessidade, terá que aos poucos modificando seu narcisismo e aceitando o “amor objetal”. Amará sua mãe como sua bra amiga que a cobre, que a alimenta e a conforta. É de se esperar que, no seu amadurecimento, o indivíduo limite seu narcisismo ao mínimo sem contudo fazê-lo desaparecer completamente. Alguém, que fosse completamente desprovido de mais elementar auto-estima, seria tão insano como o que se considerasse um Deus entre os ho-

mens. Assim, se o bebê não tem relacionamento e tem forte narcisismo, é que não tem o mundo como real. Já o tirano, que perdeu todo relacionamento à sua volta por megalomania, tem em alto grau o narcisismo, por ter o mundo deixado *de ser real* para ele. E, nesta dose máxima de narcisismo, o homem é associal. (2)

Mas há uma dose ótima de narcisismo e que muito serve à sobrevivência. Nesta forma benigna, o objeto do narcisismo é fruto do esforço do homem. Ama o seu trabalho pelo esforço que lhe custou, valoriza-o e disto faz alarde. Mas este trabalho funciona como seu diálogo com a comunidade. É o fato do marceneiro que tem prazer em mostrar sua obra, do padeiro que se orgulha de seu pão, do médico que se dá com honra à sua profissão.

A energia que impulsionou todos eles, é, sem dúvida, narcisista, mas mantém o amor pessoal dentro dos limites. Apesar desse toque narcisista, essas pessoas podem ser altamente criadoras. A malignidade do narcisismo consiste no indivíduo

(2) O Coração do Homem — Fromm, Erich — Edição citada.

amar-se, não pelo trabalho conquistado com esforço, mas por aquilo que ele ganhou de graça: fortuna, saúde, posição social, beleza. Se o indivíduo se empenha na realização de uma obra, está na condição de julgar o mérito de outrem, mesmo correndo o risco de valorizar mais o seu trabalho.

NARCISISMO COLETIVO

Se ampliarmos o conceito do Narcisismo Individual para o Coletivo, compreenderemos as suas formas malignas e benignas. O narcisismo coletivo dos “arianos” é tão destruidor como o de uma pessoa isolada e insana. Já a perspectiva de um narcisismo coletivo benigno dá-nos a dimensão da fraternidade do homem cosmopolita, que recebe o irmão e o estrangeiro da mesma forma. A Ética Humanista está altamente impregnada deste narcisismo benigno — individual e coletivo. É natural. Se é próprio do homem excelente obrar com beleza, ele sente a perfeição do trabalho realizado e se orgulha disto. Erich Fromm desdobra esta idéia com a perspectiva de

sentimento de orgulho que se poderia ter em ser parte da Humanidade. E criar um dia de festa: O Dia do Homem.

Dentro das nossas condições científicas, muito se pode fazer para que o sentimento narcisista seja superado. A luz da Ciência, fomentando o Raciocínio Crítico, a objetividade, a aceitação da realidade e um conceito de verdade que não dependa da aprovação de grupos, é altamente meritória. O ensino da Filosofia e da Antropologia também pode colaborar para uma atitude diferente dos jovens em relação às idéias religiosas e filosóficas. O “credo” a ser ensinado a toda a humanidade é de que a “condição humana” é a única e a mesma para todos os homens, malgrado as inevitáveis diferenças individuais de talento, inteligência, peso e altura. Seria a tentativa de derrubar barreiras entre o Eu e o Tu e a compreensão de que um ser humano pode entender o outro, pois todos compartilham dos mesmos elementos da existência humana.

Fromm alerta que a Ética Humanista não depende só de um movimento intelectual para a

realização desse humanismo. (1) Necessário seria que se mudassem as condições sociais, econômicas e políticas essenciais. Que o homem tenha o direito de viver com dignidade e planejar uma vida de paz para ele e para os seus descendentes.

TIPOS DE AMOR

Se amo meu irmão, respeito-o, ajudo-o a se promover. Amando o irmão, amo todos os irmãos sem com isto prejudicá-los. Amando meu filho amo aquele que é desamparado e nele amo todos os filhos, porque necessitam de mim e a eles devo cuidado e responsabilidade. Não são formas possessivas de amar.

O amor erótico é diferente. Apesar de ser desejo de fusão entre duas pessoas, não leva em si a vontade de se promoverem. O desejo de descobrir o segredo do outro fez com que caíssem barreiras e que de estranhos passassem a íntimos

(1) A Sobrevivência da Humanidade — Fromm, Erich — 4.
Edição. — Tradução de Waltensir Dutra — Editora Zahar
— Rio.

A intimidade sexual dá a ilusão do conhecimento absoluto do outro, do seu mistério, enquanto que realmente os dois permanecem estranhos. Dá a falsa impressão de que foram exauridas todas as possibilidades do conhecimento e o tédio e o cansaço instalam-se nos corações. Outra pessoa poderá acenar com a promessa de um novo mistério e outra promessa se forma de um novo amor completamente diferente. O egoísmo de parte à parte impossibilitará melhores resultados. Este malogro aumenta a tragédia do isolamento do homem no seu plano de relacionamento. Faltou ao amor sexual o respeito pela dignidade do outro. Se o desejo de união física não for auxiliado pelo amor fraterno, raciocina Fromm, não se terá mais que uma união de sentido orgiaco e transitório. Depois virá o cansaço, o próprio ódio contra a pessoa antes amada. Faltou, essencialmente, a ternura. Esta não é a sublimação do desejo sexual, como queria Freud, mas é a decorrência do amor fraterno, em sua conseqüência natural, de assistência e promoção.

RELACIONAMENTO MÃE E FILHO

Neste caso, o amor se apresenta de formas diferentes. O amor incondicional — o da mãe, e o amor racional — o do pai. O amor da mãe é considerado uma bênção e sua ausência, uma maldição, um desespero. A mãe ama os filhos, não por serem “bons e obedientes”, mas por serem que são. Por existirem. O filho pode dizer: Sou amado pelo que sou. É um amor cego, pacífico que não precisa ser adquirido, aumentado, controlado. A mãe poderá levar seu amor ao máximo de doação de si e, exageradamente “abnegada”, tudo prover para os filhos. Despertará, com essa atitude, uma ansiosa retribuição dos filhos, como se eles estivessem pagando uma conta atrasada. Dentro da Ética Humanista, é bom que o indivíduo se realize em si primeiramente, para depois se dar a outros. É a chamada moral egoísta. Mas se a mãe se realizou no seu amor, não há quem esperar gratidão ou qualquer paga efetiva do filho. Tudo que vier da criatura amada, toda espécie de doação já é fruto de sua maturidade de amar. É o amor que se promoveu sem egoísmo

prejudicial ao outro; pelo contrário, ajudou-o a se encontrar e a se realizar. (1)

Na sua maturação, a criança, percebendo que é amada, aprenderá a amar. Poderá retribuir ao gesto carinhoso da mãe com uma flor, uma cantiga. É como se dissesse: Amo, pois sou amada. Numa fase de pleno desenvolvimento, há de se esperar que o indivíduo possa dizer um dia a outrem: Necessito de ti porque te amo.

Podemos também ser amados por nossos méritos. Mas corremos o risco de perder esse amor se não o merecermos mais, e aí teríamos a desagradável sensação de que fomos apenas usados, utilizados.

RELACIONAMENTO PAI E FILHO

O relacionamento do pai com o filho é racional e virá mais tarde, como fruto de convivência e responsabilidade familiar. Ele remonta à época em que o pai, preocupado com o herdeiro, prepará-lo-ia para ocupar seu lugar no mundo.

(1) A Arte de Amar — Fromm, Erich — Edição citada.

Para substituir o pai, seria escolhido o filho que com ele se parecesse, a exemplo de Deus com seu povo favorito, ou de Isaac, elegendo Jacob. Não será o seu um amor incondicional como o amor materno, pois o filho deverá corresponder-lhe às expectativas. Pertence à natureza do amor paterno tornar a obediência a virtude mais importante, e a desobediência o maior pecado. A meta principal é assemelhar-se ao modelo paterno. Sendo um amor por mérito, pode-se trabalhar para aumentá-lo, não estando, como o amor materno, fora do alcance do filho.

São igualmente importantes os dois tipos de amor.

A segurança do filho dependerá do amor incondicional da mãe. Esta segurança lhe será útil no trato com sua futura companheira e na formação madura de educar e amar seus filhos. Preparando o filho para enfrentar as dificuldades do mundo, o pai é estímulo de vitórias e de conquistas. Sendo parecido com ele, agradar-lhe, tudo isto servirá para o primeiro impulso na vida do filho. Quanto mais tranqüila for a mãe, menos ansiedade

ocupação jogará na alma do filho, e o pai deve ar às suas qualidades de guia as virtudes da erância e da paciência. Que não seja apenas chefe, mas aquele que gosta de transmitir amor sabedoria.

AMOR DE DEUS

O homem sofreu a ansiedade da separação natureza e quer superar este isolamento com experiência da união. Isto é a base do amor. O amor é uma afirmativa do homem para Deus. (1)

Em todas as religiões, o homem sempre deu Deus o máximo possível em sua cultura. No início, recém-saído da natureza, a criatura fez Deus na lembrança dos animais e das árvores que a cercavam. A medida que evoluiu sua capacidade artística, fabricou deuses com suas próprias mãos. Foi a fase da adoração de ídolos de ouro e prata. Em etapa mais evoluída, quando sua figura, e se reconhece como a obra-prima

(3) A Arte de Amar — Fromm, Erich — Edição citada.



ma da natureza, o homem cria o Deus antropomórfico. (2) Era o melhor tributo a si e a Deus. Dependendo de sua cultura, partirá daí, ou de encontro de um Deus feminino — fase matriarcal — ou de um deus masculino — fase patriarcal. Para que se entenda a primeira fase, basta montar ao amor incondicional da mãe. (3) A Mãe — Deusa — Terra, bondosa, ama igualmente todos os filhos, que dela nasceram, dela vivem e para ela voltarão um dia. Na fase seguinte, o Ente Supremo torna-se o deus patriarcal e a mãe é destronada. A lembrança feminina, mesmo no segundo plano, poderá continuar na mente dos homens como no culto à Virgem no Cristianismo. Como um pai, o deus patriarcal amará a quem mais se lhe assemelhe e lhe obedeça. Será o sucessor como filho predileto. Todos os irmãos poderão concorrer nesta competição de amor.

Na fase matriarcal, o homem tem fé no amor de Deus como o tem na própria mãe. Ele o ama para, pois o filho é pobre, desvalido, pecador, mas é sempre, sempre o seu filho.

(2) O Coração do Homem — Fromm, Erich — Edição citada

Na fase patriarcal, o amor ao Pai é mesclado de obediência e de temor. Sua misericórdia é grande, mas sua ira implacável.

Pode-se medir a maturidade de um indivíduo pela sua idealização de Deus. No Monte Sinai, indagado por Moisés sobre o seu nome, Ele disse: “Eu-Sou-Quem-Sou”, que significa “Eu Sou O-Que-É” ou “Eu-Sou-É-O-Meu-Nome” ou ainda “Eu Sou-O-Inonimado”.

Portanto, Deus não pode ser definido, nem identificado, nem preso às coisas, às pessoas. Em sua revelação, Ele se conserva livre de toda forma, de todo alvo que pudesse confundi-lo com seres criados. Impossível de ser conceituado pelo que é, Deus é mais compreensível para quem vive com Deus do que por quem o estudasse e crescesse com Ele.

Analisando a maturidade do Amor no homem, Erich Fromm faz um paralelo entre o desenvolvimento das etapas do amor materno, do amor paterno e do amor de Deus.

Em plena maturidade, o indivíduo tem que libertar da sombra protetora e orientadora da



mãe e do pai e, como adulto, tornar-se mãe e pai de si próprio. Dentro da história da humanidade o homem deve também libertar-se da Deusa Mãe triarcal e do Deus Patriarcal, até que esta força do Inonimado resida nele, incorporando-se com Sua essência de amor e justiça. E o homem torna-se “um com Deus, e esta unidade justifica falar em Deus, apenas em sentido poético ou simbólico”. (1)

Quando o homem sentir dentro de si o amor de Deus, ele será capaz de amar todas as criaturas, de ser por elas responsável e, ao mesmo tempo, desprender-se de tudo e ser ele só. Mas este isolamento não o esmaga, antes o fortifica.

A grande descoberta de Erich Fromm parece ser a percepção de que o Eu e a Vida são uma mesma coisa, e que têm a sua essência eterna em comum com Deus. Esta unicidade está acima de todas as aparências; a simultaneidade paira muito além de todas as formas e fecha o abismo da infinita multiplicidade. O Eu se confunde com

(1) A Arte de Amar — Fromm, Erich — Edição citada.

Deus, o Tu e o Eu se fundem como que atravessados pelo espírito divino. (2)

O homem, em pleno uso de sua Liberdade, pode encontrar o seu Eu e levá-lo pelo Amor a se comunicar com o Outro. A ponte que os unirá será a Responsabilidade afetiva gerada pelo próprio Amor. E este relacionamento se estende, de criatura a criatura, a todo o universo. A energia para esta fraternização reside no íntimo do homem. Se Ele ouvir o seu íntimo, terá energia. E a força desta força é usá-la sempre.

A Ética Humanista é apresentada como uma consequência natural da Razão e da Liberdade do homem. Fromm concorda com Julian Huxley em dizer que a humanidade, em seu primeiro estágio de evolução, só estaria apta para receber uma consciência autoritária. Mas em se tratando de Educação, Fromm afirma que a criança deve ser educada na consciência humanista.

A Ética Humanista não vem como “obrigação”, mas como decorrência natural de um estado

(2) Fromm cita o místico alemão Meiter Eckhard em “Arte de Amar”.



de evolução. Neste estágio superior, o homem se realiza na produção de uma humanidade melhor e seu relacionamento com todo o universo é o trabalho feito como num diálogo de Amor.

Fromm, na *Ética Humanista*, devolve ao indivíduo o sentido de autenticidade, quando insiste na educação do homem que aceita a responsabilidade de seus atos.

7 — COMENTÁRIOS SOBRE ERICH FROMM

Erich Fromm sofreu a influência de sua época, o grande drama da Alemanha, presa ao idealismo sádico e delirante de Hitler. Fromm confessa ter sido uma criança insuportavelmente neurótica e ter tido pais neuróticos. Assistiu à histeria antibritânica e o entusiasmo de pessoas, antes comedidas e razoáveis, pela guerra. A irracionalidade do comportamento humano impressionou-o fortemente e foi a motivação para seus estudos de Psicologia, Filosofia e Sociologia. Inicialmente, adotou a linha freudiana, que abandonou mais tarde por não satisfazê-lo, nem na teoria, nem na técnica. Parte daí, procurando seus próprios caminhos.

Fromm vê, com profunda preocupação, o efeito do meio sobre o indivíduo, ameaçando-lhe a integridade e o respeito que ele deve ter a si próprio.



Todas as suas obras trazem um traço de pesquisa e de indagação:

- 1 — se o homem for educado para a guerra, condicionado à violência, quem o poderá deter?;
- 2 — se, ao lado dos colégios, dos hospitais, criarmos uma escola de guerra, de treinamento contínuo e exaustivo de lutas simuladas, quem nos garante o comportamento livre, sereno do homem na construção de um mundo melhor?;
- 3 — se educarmos o indivíduo dentro de uma consciência autoritária, quando o homem será responsável pelas chacinas que vier a praticar?

Fromm se empenha na análise do homem, elaborando um sistema de crítica social de quem tudo está perdido, de que ainda é tempo, e de que podemos nos livrar do nosso maior mal: a capacidade destrutiva que existe no próprio homem.

O livro de Fromm, *Análise do Homem* (“Man for Himself”), pode ser considerado como a obra

mais importante e mais profunda da literatura psicanalítica contemporânea. Outro livro que nos serviu de base neste trabalho “Die Furcht vor der Freiheit” — *O Medo à Liberdade* (1) — com a primeira edição tirada em 1941, traz a mensagem de angústia, não só daqueles que viviam sob a ditadura alemã, mas o grito do mundo inteiro contagiado por uma enfermidade coletiva, que tem transformado a natureza racional dos homens, e que parece ameaçar toda a civilização humanista.

A mesma mensagem de amor e paz é encontrada em seus livros *Arte de Amar* e *Sobrevivência da Humanidade*. O autor é fiel à sua preocupação primeira: a Grande Guerra passou, mas outras virão se não se modificarem algumas diretrizes de nossa cultura. E a guerra do futuro, de dimensões catastróficas, pederá destruir a humanidade. Há quem acuse Erich Fromm de preocupação contínua sobre o mesmo assunto.

Em seu livro — *Sobrevivência da Humanidade*, — quando medita no sistema soviético, no problema chinês, no problema alemão, na alian-

(1) Tradução preferível: *O Medo da Liberdade*.

ça russo-americana, revela o mesmo pensador, que em plena Guerra Mundial fazia, em *O Medo à Liberdade*, as mesmas ponderações em favor do entendimento universal. Não resta a menor dúvida de que Erich Fromm foi profundamente marcado pela vivência de duas guerras, e pelo sofrimento, em causa própria, de toda sorte de atrocidades causadas pela ambição de uns e pelo indiferentismo de outros. Apesar de haver presenciado comportamentos irracionais do homem, a obra de Fromm ainda é crítica cheia de esperança na presença do homem na terra. Seu pensamento é tortuosamente elaborado, mas sempre obedecendo à única meta: avisar, alertar a humanidade a transmitir sua orientação de paz e fraternidade universal.

Fromm não dá uma receita do caminho da perfeição. Seria transformar-se em um novo líder e propor novo cativo. A sugestão frommiana é a de que o homem atinja o grau de perfeição e beleza para que foi criado e assim ele construa um mundo de harmonia ao seu redor.

(1) *Filosofia da religião* — Acentuadamente místico Fromm vê no homem que se aperfeiçoa o

retorno para Deus, com a captação de sua natureza divina. É um pensamento que lembra os místicos orientais. Contudo, não deixa de seguir os místicos cristãos, principalmente Cristo. Jesus é colocado como o filho que tanto cresceu em perfeição, que se identificou com o Pai, e ali está assentado à Sua direita. Deste ponto, o pensamento de Fromm é sem a menor dúvida, panteísta, quando não mais distingue o homem aperfeiçoado em suas potencialidades, por ele ter-se fundido com Deus. Assim, Deus, imutável e simples, fica preso na pluralidade do mundo.

Outros pontos que não ficam bem esclarecidos no panteísmo fromminiano seriam:

- 1 — a perda de Liberdade do homem na sua fusão com Deus;
- 2 — a própria consciência do seu Eu, que se dissolve no Tu e é absorvido por Deus.

A obra de Erich Fromm se impõe à nossa admiração:

- 1 — pela capacidade que ele tem de analisar e pensar os fatos da história até o presente momento;

- 2 — por antecipar os fatos que fatalmente decorrerão da estrutura de nossa civilização;
- 3 — por compreender as tendências históricas e, analisando-as, alertar sobre a planificação de mudanças necessárias para o futuro.

Fromm é um escritor da atualidade e sua voz de alerta diz ser agora o momento da mudança de rumos. Caso contrário, a humanidade terá, como futuro, a decorrência natural do seu passado de violência na terra.

BIBLIOGRAFIA

- FROMM, Erich — O Dogma de Cristo — Editora Zahar — Rio — 1967.
- FROMM, Erich — A Arte de Amar — Editora Itatiaia — Belo Horizonte — 1960.
- FROMM, Erich — A Missão de Freud — Editora Zahar — Rio — 1969.
- FROMM, Erich — O Coração do Homem — Editora Zahar — Rio — 1970.
- FROMM, Erich — A Análise do Homem — Editora Zahar — Rio — 1968.
- FROMM, Erich — O Medo à Liberdade — Editora Zahar — Rio — 1970.
- FROMM, Erich — A Linguagem Esquecida — Editora Zahar — Rio — 1969.
- FROMM, Erich — A Sobrevivência da Humanidade — Editora Zahar — Rio — 1969.
- MUNROE, — R. L. Schools of Psychoanalytic Thought — New York. Henry Holy Company, Inc. 1955, pages 463-472. "The Psychology of Erich Fromm".